



Ser professora ... no básico

Pediram-me a realização da descrição de uma aula do básico ...

E eu, pensei que, iria preencher um inquérito com cruzinhas ...

Mas não, é algo descritivo ...

Primeiro pensamento: "Que chato ...", "Que seca ...". Esta última aprendi com os meus alunos, pois a expressão "Que seca", traduz muita coisa. Oh! Traduz aborrecimento, angústia, exaustão, falta de atenção, enfim ... Lá iremos.

Segundo pensamento: "Que giro ...", "Que fixe ...", "Bué da louco ...". Estas últimas também aprendi com os meus alunos! Estas expressões também traduzem muito: alegria, interesse, motivação, enfim ... Também lá iremos.

Realmente as cruzinhas são especiais: cómodas, rápidas, sintéticas, tiram-se muitas conclusões, não dão muito trabalho, mas ... E o importante é o *mas*, não revelam tudo o que vai na alma de um professor.

Sim, sou professora ...

Dez letras para muitas profissões!

Eu tenho muitas profissões! Sou aquela que ensina, aquela que acolhe, aquela que se preocupa, aquela que ri e faz rir, aquela que chora e faz chorar, aquela que luta, aquela que incute disciplina, aquela que motiva, aquela que se importa, aquela que...

(...) Hoje é dia 25 de Junho. As aulas já terminaram ... Dei (será *dei* a palavra certa?) tantas aulas ao longo deste ano ...

E se eu, sem me perder nos meus pensamentos, simplesmente falasse dos meus alunos?

Existem alunos empenhados, trabalhadores, interessados, motivados e até excitados com a matemática e um todo que se concebe com ela ...

Sim, com certeza, eu sei que existem alunos desses, pois fui professora de uma turma dessas e no último dia fi-

quei de pé, junto à minha secretária, a vê-los sair e a pensar: "Já estou com saudades". As lágrimas ao canto do olho também saíram ... (...)

Contudo, também existem alunos com pouco interesse pela escola e as suas actividades, desmotivados, desconcentrados, aborrecidos, angustiados, exaustos, sem rumo, solitários, indisciplinados, ...

Sim, com certeza que eu também sei que existem alunos assim, pois fui professora de quatro turmas dessas. (...)

Falemos desses alunos:

Foi um ano inteiro de luta ...

Sim, como é que eu irei *dar* a aula de amanhã? Que mais posso *inventar*? Que mais posso *fazer*? Tentei motivá-los de tantas formas e feitios ...

Tanta coisa para ensinar, tanta coisa para aprender e tão pouca vontade de o saber ...

Cerca de meia dúzia dos alunos desta turma faltavam sistematicamente e quando apareciam nada percebiam do que se passava na aula ...

Cerca de outra meia dúzia, não levava livro, caderno, caneta, máquina de calcular, ...

Outra meia dúzia ainda achava mais interessante *desconcentrar os colegas*, do que aquelas letras ou aquelas contas esquisitas ...

Quando eu levava um texto, uma actividade gráfica, e porque não uma aula ao ar livre, ouvia: "Isto é que é *matemática*?"

Então vejamos:

— Proporcionalidade directa:

Pensei: que tal Gulliver e os liliputianos

Sim, podemos determinar as dimensões dos objectos no mundo real e no mundo dos liliputianos, segundo uma certa razão!

Ora, o filme passou há relativamente pouco tempo, os livros existem há muito ... Talvez seja interessante!

Reacção dos alunos: quem é esse

Gulliver? Nós nunca vimos o filme! Eu vi uma vez, mas *misturar* isso com matemática ...

E, então eu, que sou professora de matemática, descobri mais uma profissão: contadora de histórias! Depois só tive que relacionar tudo com a matemática. A história até foi *bué da louca*, mas depois a parte de ligar à matemática foi *seca*. Contudo, consegui que até aqueles que estavam entretidos a escrever bilhetinhos ou fazer desenhos, levantassem a cabeça, ouvissem a história e percebessem o que era pretendido.

Torna-se difícil todos os dias procurar assuntos que motivem alunos destes. São alunos com 15, 16, 17 e 18 anos, ainda a frequentar o 7º e o 8º ano! Sinto que tenho de estar a par de todos os seus possíveis interesses: programação de televisão, que nem sempre é do meu agrado, futebol (já aprendi nomes de alguns jogadores, árbitros e treinadores, regras de jogo, posições no campeonato, etc.); sei de todos os seus interesses namoradinhos, estou a par da última moda e até de algumas das *boys e girls bands* da actualidade! ...

Transmitir matéria, interligar conteúdos e relacioná-los com os temas de interesse dos meus alunos, é tarefa árdua e missão praticamente impossível. Todos os dias surge uma etapa nova, todos os dias se vive uma nova aventura ... Algumas vezes, limito-me a cumprir objectivos, outras tento ir ao encontro dos seus interesses usando-os para a transmissão dos conteúdos.

Como são indisciplinados, inicio sempre a aula, escrevendo o sumário no quadro. Isto evita que cometam erros de ortografia e obriga a que se acalmem. Circulo pela sala a fim de verificar que trazem todos o material necessário e não existem discussões por causa dos *empréstimos*. Consoante o tipo de alunos, o motivo dos conflitos, a razão da indisciplina, sou obrigada a desenvolver todos os dias, a todas as horas, novas e, às vezes, até peculiares estratégias.



Será só a indisciplina, a causa de todos os meus devaneios?

Nem pensar! O pior é quando consigo que estejam todos com atenção e noto que existe uma aluna que está com um ar mais apático do que é costume! Por exemplo, chamemos-lhe Maria. A Maria é uma aluna que realiza os trabalhos de casa, mas ultimamente anda estranha. Não responde às questões que são colocadas em aula, está abatida e ... "O que é que se passa consigo, Maria?"

Resposta dos colegas: "‘Stora’, a Maria está a fazer dieta porque acha que é gorda. Ela deixou de comer e depois sente-se mal”.

Chamo a funcionária, dou 2 euros à aluna, peço que a levem para que coma. (...)

Logo que é possível, tenho uma conversa particular com a Maria.

Mas isto não é tudo! Os alunos que se encontram dentro da escolaridade obrigatória seleccionam, sim seleccionam as disciplinas. Por exemplo, o João tem 13 anos. Os pais do João, os vizinhos do João, os amigos do João e até os ídolos do João (aquele miúda gira que tinha um papel no *Médico de família*) nunca gostaram de matemática. Pois é, todos lhe dizem que é difícil, que não serve para o dia a dia, que ele não vai precisar daquelas letras, contas, fórmulas ... Esquisitas ... Até aquela jornalista conceituada da televisão fez um programa sobre isso! "Oh 'Stora' não se canse, não vale a pena!", e por mais que eu diga que vale a pena e que insista, o João não se interessa e acrescenta: "olhe eu posso passar com três negas, por isso já escolhi que uma delas é a sua!". (...)

Mas ainda existe pior ... Certos alunos não dizem nada e simplesmente não vão às aulas das disciplinas seleccionadas, pois nem reprovam por faltas ... São até capazes de o fazer ao longo de todo um ciclo ... O que fazer a estes alunos num final de ciclo? Como é possível ensinar tudo o que está para trás?

Somos professores! "A esperança é sempre a última a morrer ..." "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura ..." De vez em quando, também somos milagreiros e conseguimos modificar a forma de estar e pensar de alguns e se eles até conseguem resultados positivos, os pais acham que "O meu filho é muito inteligente. Até conseguiu positiva a Matemática! ...".

Sobra o alento de uma professora que não sabe o que é desistir, que todos os anos recomeça tudo, com novos alunos e com novas expectativas ...

Se conseguir ouvir, nem que seja uma única vez ao longo de um ano inteiro "Que fixe", "Bué da louco" em vez de "Que seca", nem tudo estará perdido e valerá sempre a pena porque a alma de um professor não é pequena!

Helena Paula Pires
Escola Secundária Fernando Namora

Maiores que 10 anos: 21 de Outubro de 1993–26 de Março de 2004, tudo na mesma?

Há dez anos, no 1º trimestre de 1994, a Direcção da APM publicava o editorial *A Reforma não acabou!*. No texto pode ler-se: "A situação é grave. As orientações que vão sendo enviadas aos professores, associadas ao processo de avaliação, no caso do ensino secundário, poderão vir a dar razão aos que alertaram para o facto de as novas metodologias propostas nestes programas não estarem associadas a novas ideias sobre o ensino da Matemática e poderem portanto ser abandonadas na primeira oportunidade" (APM, 1994, p. 1).

Nesta altura vivia-se o primeiro ano da reforma de 1993 e ao nível da avaliação entrava em vigor o Despacho

Normativo 338/93 de 21 de Outubro de 1993. Este despacho prometia várias novidades: (1) A avaliação dos alunos é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informações e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo; (2) A avaliação dos alunos do ensino secundário tem por objecto verificar o grau de cumprimento dos objectivos globalmente fixados para o ensino secundário, bem como para os cursos e disciplinas que integram este nível de ensino; (3) No ensino secundário distinguem-se as modalidades de avaliação seguintes: a) Avaliação formativa; b) Avaliação sumativa; c) Avaliação aferida. As modalidades de avaliação referidas no número anterior devem harmonizar-se de modo a contribuir para a qualidade do sistema educativo e, designadamente, para o sucesso educativo dos alunos. (...) A avaliação sumativa processa-se através das seguintes formas: a) Avaliação sumativa interna; b) Avaliação sumativa externa. (...) A avaliação interna destina-se a informar o aluno e o seu encarregado de educação do estado de cumprimento dos objectivos curriculares e a fundamentar a tomada de decisões sobre o percurso escolar do aluno. A avaliação interna é da responsabilidade conjunta dos professores que integram o conselho de turma, devendo o seu resultado ser comunicado ao aluno e ao encarregado de educação pelo director de turma. (...) A avaliação externa é da responsabilidade do Ministério da Educação e tem por objectivo contribuir para a homogeneidade nacional das classificações do ensino secundário, permitindo a conclusão deste nível de ensino e a determinação da respectiva classificação (Diário da República nº 247, 1993, p. 5935).

Se o ponto (1) não criou adversários, pois era a lógica da avaliação formativa que tanto serve o aluno como o professor, os pontos (2) e (3) não foram consensuais.



A implementação de uma modalidade de avaliação formativa trazia vantagens para alunos e professores, no caso do aluno uma ajuda para aprender e para se desenvolver (Perrenoud, 1999), e, no caso do professor é uma intervenção sobre a própria construção dos conhecimentos (Allal, 1988). Para ambos existe o feedback sobre o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem, numa lógica de construção de uma maior autonomia e participação do aluno na sua aprendizagem.

Em (2) e (3), a avaliação do sistema educativo através das avaliações das aprendizagens dos alunos colocava os professores perante o dilema de saber: o que é afinal cumprir o programa? É preparar os alunos para um exame nacional. Ou para prova global. É leccionar todos os conhecimentos. Ou será desenvolver as capacidades de resolver problemas, de comunicar, de cooperar, de trabalhar em grupo, de conjecturar, de pesquisar. E como é que estas poderão ser avaliadas através de um exame?

Passaram 10 anos! 10 anos em que o programa do ensino secundário foi reajustado: "o professor não deve reduzir as suas formas de avaliação aos testes escritos, antes deve diversificar as formas de avaliação de modo a que cerca de metade seja feita usando outros instrumentos de avaliação que não testes clássicos. Os testes escritos em si mesmos poderão ter aspectos muito positivos se a sua utilização for ponderada com outros elementos de avaliação. Só assim se poderão testar outras competências e capacidades que se pretendem desenvolver no ensino secundário. Em particular recomendamos fortemente que em cada período um dos elementos de avaliação seja obrigatoriamente uma redacção matemática (sob a forma de resolução de problemas, demonstração, composição/reflexões, projectos, relatórios, notas e reflexões históricas, etc) que reforce a importante componente da comunicação matemática (o trabalho pode ser proveniente de um trabalho individual, de grupo, de um trabalho de projecto ou da participação na área-escola). No

corpo do programa aparecem muitas referências que poderão propiciar este tipo de avaliação" (Ministério da Educação, 1997, p. 13).

10 anos em que existiu o Relatório Matemática 2001: "tendo em atenção que os objectivos curriculares incluem competências nos domínios dos conhecimentos, capacidades, atitudes e valores, os professores devem procurar encontrar formas diversificadas de recolha de dados para avaliação dos alunos, recorrendo, para além dos testes, a relatórios e outros trabalhos e a desempenhos orais dos alunos e procurar formas práticas e eficazes de registo desses dados de forma a viabilizar uma avaliação formativa mais sistemática e a sua integração na avaliação sumativa" (APM; 1998, p. 42).

10 anos em que muito se disse e muito se investigou: "um primeiro sintoma é o de [os alunos] estes desvalorizarem tudo aquilo que não se identifica com as características de um saber testável numa prova. Por exemplo, são bem possíveis o desinteresse, e porventura a recusa, no desenvolvimento de trabalhos realizados em grupo, de tarefas que exigem o seu desenvolvimento ao longo do tempo e uma maior autonomia e responsabilidade por parte dos alunos. Estas provas de avaliação externa correm o risco de assumir um papel de tal destaque que surgem aos olhos dos alunos (e mesmo talvez dos professores) como a verdadeira razão para aprender Matemática" (Leal, 1997, p. 5).

E 10 anos depois, o Decreto-Lei 74/2004 de 26 de Março: (1) A avaliação consiste no processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelos alunos; (2) A avaliação tem por objecto a aferição de conhecimentos, competências e capacidades dos alunos e a verificação do grau de cumprimento dos objectivos globalmente fixados para o nível secundário de educação, bem como para os cursos e disciplinas nele integrados; (3) A avaliação das aprendizagens compreende as modalidades de avaliação formativa e avaliação sumativa. A avaliação

formativa é contínua e sistemática e tem função diagnóstica, permitindo ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista ao ajustamento de processos e estratégias. A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante, tem como objectivos a classificação e a certificação e inclui: a) A avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola; b) A avaliação sumativa externa, da responsabilidade dos serviços centrais do Ministério da Educação, concretizada na realização de exames finais nacionais. (Diário da República nº 73, 2004, p. 1934)

10 anos depois? Como será em 2014?

Referências Bibliográficas

- A Direcção da APM (1994). A Reforma não acabou! *Educação e Matemática* nº 29, pp.1-3.
- Allal, L. (1988) Pour une formation transdisciplinaire à l'évaluation formative, *Éducateur*, nº 3, pp. 22-26.
- Associação de professores de matemática (1998). *Matemática 2001: Diagnóstico e recomendações para o ensino e aprendizagem da matemática*. Lisboa: APM e IIE.
- Leal, L. (1997) Exames: uma via a prosseguir? *Educação e Matemática* nº 43, pp. 5- 11.
- Ministério da Educação (1993). Despacho Normativo nº 338/93. *Diário da República* nº 247, pp. 5935-5937.
- Ministério da Educação (1997). *Matemática: Programas - 10. 11º e 12º anos*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). Decreto -Lei nº 74/2004. *Diário da República* nº 73, pp. 1931- 1942.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação. Da Excelência à Regulação das Aprendizagens. Entre Duas Lógicas*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Paulo Jorge Ribeiro Dias
Escola Secundária da Moita

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de modo a tornar compatível a inclusão de todas as contribuições no espaço disponível da revista.